



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

“Cristão não vota em abortista nem em feminista”: análise do conservadorismo cristão da extrema direita *bolsonarista* através da narrativa discursiva da deputada Ana Caroline Campagnolo

Rachel de Freitas Figueiredo

Brasília
2023

Sumário

Introdução.....	4
1. A ascensão da nova extrema direita em um mundo marcado pelo neoliberalismo.....	7
O contexto internacional.....	9
O contexto brasileiro.....	15
2. O “bolsonarismo” da extrema direita brasileira.....	21
Uma breve análise do <i>politicamente incorreto</i> como forma de validação emocional.....	24
3. Estudo de caso: deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo.....	27
4. Análise de conteúdo: a narrativa política da deputada Campagnolo durante a campanha eleitoral de 2022.....	33
Considerações finais.....	48
Referências.....	50

Resumo

O presente trabalho analisou as emissões discursivas da deputada estadual Ana Campagnolo durante sua campanha de 2022, com o intuito de entender como a agente política inserida no fenômeno do bolsonarismo articula as suas pautas a partir de uma estratégia de mobilização política das emoções do seu público-alvo. Para atingir esse objetivo, o trabalho foi separado em quatro capítulos: (1) contextualização internacional e da sociedade brasileira, partindo da ideia de que a hegemonia neoliberal criou de um novo tipo de cidadão essencialmente emocional propício para mobilizações políticas; (2) explicação do fenômeno do *bolsonarismo* a partir do histórico de seu líder, Jair Bolsonaro; (3) apresentação da deputada estadual escolhida para o estudo de caso; e (4) a apresentação dos resultados obtidos com a análise de conteúdo.

Introdução

A ascensão de uma nova extrema direita não foi um fenômeno particular ao Brasil, mas sim um fenômeno global de sociedades reféns de um pensamento neoliberal que beira ao conservadorismo. Assim, é necessário fazer uma breve contextualização dessas movimentações no mundo e sua relação com o fenômeno do bolsonarismo.

A deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo foi a parlamentar selecionada para o estudo de caso desse trabalho. A justificativa para tal escolha parte do entendimento de que a jovem deputada Campagnolo é uma figura relevante politicamente e com grande influência social, dentro do movimento *bolsonarista*. Campagnolo se destaca como figura pública associada à extrema direita não só por sua profissão como deputada alinhada ao *bolsonarismo*, mas por participar ativamente da disseminação do conservadorismo cristão. Para isso, a deputada oferece cursos de instrução política online, é autora de três livros e produz conteúdo em redes sociais que apresentam os preceitos ultraconservadores de forma didática. Além disso, dentro de seu estado, Santa Catarina, foi considerada a deputada mais influentes nas redes sociais no ano de 2022¹. Apesar de existir uma limitação espacial de seu alcance, restringindo-se em parte ao seu estado de atuação como deputada estadual, Campagnolo foi o assunto de notícias que alcançaram a mídia em âmbito nacional, como, por exemplo, quando pediu para que os alunos filmassem professores doutrinadores e os denunciassem, causando comoção nas mais diversas cidades brasileiras.

A técnica escolhida para desenvolver os resultados dessa pesquisa foi a de *análise de conteúdo* definida como “*uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais, ou escritos*” para que seja possível “*descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos*” (SAMPAIO, LYCARIÃO, p. 7, 2021). Sendo assim, a técnica será usada para descrever e interpretar conteúdos verbais,

¹ Em: [Ranking com os deputados estaduais mais influentes de Santa Catarina \(agenciaaquario.com.br\)](https://agenciaaquario.com.br)

visuais e escritos da deputada Ana Campagnolo para, então, alcançar os objetivos pretendidos.

Foram selecionadas 59 publicações produzidas pela deputada durante o período da campanha eleitoral do ano de 2022 (16 de agosto a 1 de outubro) em seu perfil público da rede social Instagram. Campagnolo acumula 1,4 milhões de seguidores em âmbito nacional e em sua biografia se diz ser “*escritora antifeminista, prof. de história, cristã e conservadora*”, além de reforçar, na publicação que deu início a sua campanha eleitoral, em 16 de agosto de 2022, que é “*uma das agentes políticas mais influentes do Brasil*”². Em sua primeira reeleição, no pleito de 2022, Campagnolo consagrou-se a deputada mais votada da história do seu estado, acumulando 196.527 votos dos catarinenses para a renovação de seu assento na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), aumentando consideravelmente o número obtido em 2018, o qual atingiu a casa dos 30 mil. Assim, a análise de sua campanha eleitoral 2022 no Instagram busca alcançar o objetivo do trabalho de aprofundar o conhecimento sobre a narrativa discursiva de certos personagens de extrema direita, como Campagnolo, especialmente referente ao *conservadorismo* que parece ser, hipótese a ser comprovada pelo presente trabalho, o principal campo temático capaz de transformar as emoções em mobilização política.

Como reforço à análise, será apresentada uma revisão literária capaz de auxiliar na interpretação do conteúdo das postagens. O conjunto de publicações analisadas envolve além das postagens da deputada no Instagram durante o período eleitoral, outras realizadas durante a sua campanha em 2018, vídeos seus YouTube e o conteúdo de seu livro *Feminismo: perversão e subversão*.

O objetivo a ser alcançado nessa pesquisa é, então, explorar a narrativa discursiva de uma figura importante no fenômeno do *bolsonarismo*, a deputada Campagnolo, para expor as ideias que guiam seus argumentos, especialmente os inseridos no campo do *conservadorismo cristão* que parece

² Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “A defesa da vida, da família, da primazia dos pais sobre a educação dos filhos, da livre iniciativa, da propriedade privada e da nossa...”](#)

ser o tema com maior potencial de mobilizar politicamente as emoções de uma parcela substantiva de brasileiros. Percebe-se assim que o trabalho adere à percepção de que as narrativas merecem e precisam ser analisadas, pois são geradoras não apenas de enunciados feitos por agentes políticos, mas, também, de estruturas afetivas, de identificação, de pertencimento e de formas de narrar e entender o mundo condicionantes para o desenvolvimento de uma subjetividade política que pode vir a se tornar consciente e politicamente mobilizada (NUNES, p. 23, 2022).

Julga-se, ainda, pertinente realizar estudos sobre a força e o conteúdo discursivo da extrema direita presente no Brasil atual, pois seus pressupostos continuarão a perdurar socialmente e, por isso, torna-se necessário “*apreender os truques (...) descrevê-los com precisão*” e “*descrever suas implicações*” (ADORNO, p. 76). Para finalizar, interligo à essa ideia à de *psicopolítica*. Uma forma possibilitada pelo neoliberalismo de fazer política, que a partir da exploração da *psique* dos indivíduos, os tornaram o principal alvo da exploração econômica e política (HAN, 2019) nos dias de hoje. Sendo assim, enquanto as técnicas narrativas dos discursos políticos, de ambos os lados, continuarem opacas, o povo continuará sendo uma audiência cativa a mobilizações emotivas em direção a objetivos políticos, que muitas vezes nem alinham com suas intenções pessoais, cegando-os às percepções críticas, necessárias de se construir em relação aos representantes políticos escolhidos.

Capítulo 1

1. A ascensão da nova extrema direita em um mundo marcado pelo neoliberalismo

Aceita-se, no presente trabalho, a dicotomia entre “*esquerda*” e “*direita*”, identificados também como “*progressistas*” e “*conservadores*”, respectivamente e que essa divisão indica programas contrapostos de ideias, interesses e valores com relação a diversos problemas cuja solução, geralmente, pertence à ação política e que dizem respeito à direção a ser seguida pela sociedade (BOBBIO, p. 33, 1995). Com isso em mente, ainda de acordo com os pensamentos de Bobbio, a esquerda se caracteriza, em termos gerais, pela promoção da igualdade através de ações que tendem a modificar a ordem social, já a direita aceita as desigualdades como inatas a civilização e, por isso, não devem ser remediadas, valorizando, então, a tradição e a preservação da ordem. Logo, as extremas de ambos os lados são essas características intensificadas a um nível de radicalismo, onde os posicionamentos de ideias se mantêm rígidos criando pouco ou nenhum espaço para conciliações necessárias em uma democracia.

Tendo em mente as características anteriores, nos últimos anos o mundo acompanhou atentamente a ascensão de grupos de extrema direita ao poder nas mais diversas democracias liberais modernas. A mentalidade neoliberal tornou-se hegemônica e políticas de austeridade tornaram-se a norma na economia mundial. Políticas econômicas do neoliberalismo incluem: privatizações de propriedades e serviços públicos; redução do Estado social; redução de direitos trabalhistas; desregulação do capital; e criação de medidas que tornam os impostos e as tarifas amigáveis para investidores estrangeiros (BROWN, p. 29, 2019). As sociedades, então, se inseriram em um contexto de instabilidade causado por crises econômicas, crises de migração, intensificação da concentração de renda e da desigualdade socioeconômica, além de crises de corrupção nos governos e, assim, os grupos de extrema direita conseguiram força para eclodir audaciosamente na vida pública após terem passado anos fora do holofote. Logo esses grupos mostraram-se, novamente, ágeis na capacidade de mobilizar as emoções através de mensagens fortes, transferindo os sentimentos de abandono, traição e raiva do povo em ações políticas concretas,

alcançando, assim, o poder em democracias ao redor do mundo (BROWN, p. 9 – 11, 2019).

Percebe-se, então que a adoção de medidas neoliberais iniciadas de forma intensa nos anos 1970 é essencial para entender o contexto de aprofundamento das desigualdades socioeconômicas e amarguras emocionais causadas por políticas que beneficiaram poucos em detrimento de muitos. Insatisfeitas, a sociedade civil organizou-se em enormes protestos contra os governos e o sistema por volta de 2011. Para Friedrich Hayek, um dos expoentes da teoria neoliberal, o sistema funcionaria a partir de um Estado “*natural*” e as liberdades são garantidas pelas instituições “*orgânicas*” do mercado e da moral, cuja forma de funcionamento é transmitida pela tradição (GUIMARÃES, p. 4, 2022). Logo, as desigualdades causadas pelo mercado são vistas no neoliberalismo não como algo a ser combatido, mas como uma forma natural e, ainda, necessárias para o bom funcionamento do mercado dependente de competitividade. Percebe-se, então, um alinhamento entre políticas neoliberais e o que Bobbio classifica como “*direita*”, pois ambos buscam manter a ordem e a tradição intactas e ambos discordam da “*esquerda*” por lutar por maior igualdade através de remediações dos danos causados pela ordem capitalista.

Para além da economia, a ideologia neoliberal introduziu uma nova subjetividade, uma nova forma de compreender e interpretar o mundo. Um dos seus idealizadores, Friedrich Hayek, quando concebeu a teoria do neoliberalismo reafirmou que não eram apenas ideias econômicas, mas principalmente um conjunto de ideias subjetivas que alteram a maneira de interpretar o mundo. Logo, para que fosse possível o sistema neoliberal sobreviver e prosperar, seria preciso introduzir as ideias de forma a ganharem a opinião pública (GUIMARÃES, p. 3 – 4, 2022). Sendo assim, foi feita uma intensa divulgação e disseminação dos ideais neoliberais, chegando ao estado de hoje em que a teoria se tornou o modo subjetivo hegemônico e os seus ideais estão internalizados e naturalizados como sendo parte do viver em uma sociedade moderna.

Em *A nova razão do mundo*, Pierre Dardot e Laval (p. 9, 2016) afirmam que o fortalecimento dos movimentos ultraconservadores de extrema direita está diretamente ligado às transformações subjetivas provocadas pelo pensamento neoliberal que fortaleceu o egoísmo, o individualismo e o rompimento da

solidariedade social. O objetivo desse capítulo é, então, mostrar não só as consequências econômicas e políticas do neoliberalismo que abalaram as sociedades, mas, também e principalmente, mostrar como o indivíduo foi moldado para servir à ideologia, transformando-o em um ser neoliberal, um “*empreendedor de si*” (SAFATLE, p. 18, 2019), um homem econômico essencialmente emocional que externaliza suas emoções de forma descontrolada e involuntária, podendo, também, gerir suas emoções e as alheias a fim de valorizar o capital humano (ANDRADE, p. 12, 2011), tornando-se figuras que compõem a audiência perfeita para movimentos políticos radicais.

Byung-Chul Han reforça, em seu livro *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, que o regime neoliberal explora, antes de tudo, a *psique* dos indivíduos. Ou seja, para que houvesse, de fato, a instalação da hegemonia do pensamento neoliberal, foi preciso abandonar a coerção dos corpos presente na teoria da biopolítica de Foucault e aderir a coerção das mentes para, então, tornar as transformações subjetivas uma realidade. Assim, relacionando-se à forma de produção do capitalismo atual, determinados por modos imateriais e incorpóreos devido ao avanço tecnológico, a *psique* tornou-se a força produtiva explorada e os processos psíquicos e mentais, hoje, são os objetos de otimização para o aumento da produtividade (HAN, p. 40, 2018). Dessa forma, viveríamos em um período de apropriação não só das *psiques*, mas das emoções, transformando-as em um recurso para a mobilização política, dando-lhe o nome de *psicopolítica*.

1.1. O contexto internacional

David Harvey afirma que os anos 1970, após o colapso do Sistema de Bretton Woods devido à desvalorização do dólar e as crises do petróleo, foi marcado pela depreciação das políticas econômicas keynesianas de bem-estar social, dando espaço para a imposição do neoliberalismo. Com isso, países ao redor do mundo começaram a adotar alguma versão da teoria neoliberal, seja voluntariamente, forçadamente ou como forma de se adequarem às pressões coercitivas do sistema global. Um dos casos mais emblemáticos foi o golpe militar no Chile, em 1973, financiado pelos Estados Unidos, contra o governo de

Salvador Allende, sob o pretexto de “*guerra anticomunista*”, possibilitando a transformação do país no primeiro laboratório de experimento neoliberal (FASSIN, p. 39, 2019) do mundo, expondo, assim, o teor antidemocrático da ideologia.

O neoliberalismo é teoricamente antidemocrático e, como Milton Friedman, teórico neoliberal, afirmava “*só uma crise – real ou percebida – produz mudança real*” e, ainda, que pensadores como ele deveriam “*desenvolver alternativas para políticas existentes*” e “*mantê-las vivas e disponíveis até que se tornem politicamente inevitáveis*” (KLEIN, p. 6, 2008). Inseridos nessa mentalidade, a extrema direita apela para a sensação constante de crise a partir da narrativa de ameaças iminentes como forma de deixar as emoções em estado reativo, possibilitando, então, que suas agendas antidemocráticas, neoliberais, armamentistas, antigênero e antifeministas sejam mobilizadas pela sociedade civil e resulte em medidas políticas.

Sobre a ditadura chilena de Pinochet, Hayek afirmou que “*eu não consegui achar uma só pessoa (..) no Chile que não concordaria que a liberdade pessoal era muito maior sob Pinochet do que foi sob Allende*” sustentando, ainda, que em algumas circunstâncias históricas a liberdade pessoal “*esteve melhor protegida sob governos autoritários do que democráticos*” (HAYEK, 1978 em: SAFATLE, p. 60). Tal pensamento mostra que a crença de Hayek sobre precisar haver uma “*saudável desconfiança do poder e da autoridade*” refere-se apenas aos poderes que se opõem, de alguma forma, à liberdade econômica e a percepção da lei do mercado como a única autoridade a ser obedecida (p. 60), ou seja, progressistas, sociais-democratas, socialistas, comunistas etc. Torna-se evidente, então, a aproximação de valores e premissas entre as teorias de extrema direita e as neoliberais.

De acordo com a ideia neoliberal que defende as liberdades individuais como garantidas pelo livre mercado e comércio, algumas medidas incluem: enxugamento do Estado, redução dos direitos trabalhistas, flexibilização de leis no mercado de trabalho, privatização de empresas estatais, redução de impostos etc. O resultado das medidas adotadas, no Chile e no restante do mundo, foi um grande aumento da concentração de riqueza e da desigualdade a partir dos anos 1980.

Podemos, portanto, interpretar a neoliberalização seja como um projeto utópico de realizar um plano teórico de reorganização do capitalismo internacional ou como um projeto político de restabelecimento das condições da acumulação do capital e de restauração do poder das elites econômicas. Defenderei (...) a ideia de que o segundo desses objetivos na prática predominou. (HARVEY, p. 13, 2008)

Para além do plano econômico, como pensou Foucault, neoliberalismo é uma forma de racionalidade política e ela se tornou hegemônica primeiro como modalidade de discurso, passando, então, a guiar os modos de pensamento, de interpretação, de vivência e de compreensão do mundo (HARVEY, p. 6, 2008). Pierre Dardot e Christian Laval afirmam, também, que o neoliberalismo é um sistema normativo que estendeu a lógica do capital a todas as relações sociais e esferas da vida (DARDOT, LAVAL, p. 7, 2016). Assim, o sistema não só exigiu a internalização de um novo tipo de mentalidade, como, também, moldou um novo tipo de indivíduo, criando, assim, os indivíduos “*empreendedores de si*” (SAFATLE, p. 18, 2019), marcados por uma mentalidade meritocrática de extrema individualidade, egoísmo, competitividade e baixa solidariedade.

A mentalidade dos “novos indivíduos” dá a oportunidade de fortalecimento de grupos radicais como os de direitas que, essencialmente populistas, aderem como estratégia mobilizadora de sentimentos a divisão competitiva do “*nós versus eles*” somando-se a isso a cosmovisão binária e absoluta entre *bom versus mal*. Por essa lógica, a extrema direita se apresenta como os *bons* dentro da perspectiva do *nós*, rotulando *eles* de inimigos do *mal* que ameaçam a sociedade com a catástrofe social de uma revolução permanente. Como exemplo, trago as palavras de Jair Bolsonaro: “(...) *o outro lado quer exatamente o diferente de nós. Nós defendemos a família. Nós somos contra o aborto. Nós somos favoráveis ao armamento para o cidadão de bem. Eu quero que todo cidadão de bem possua sua arma de fogo para resistir, se for o caso, a tentação de um ditador de plantão.*”³.

³ Em: [\(9\) Bolsonaro fala em 'ameaça interna de comunização' e 'cidadão de bem armado' em discurso em Maringá - YouTube](#)

Em 2008, uma crise financeira abala o mundo dominado por políticas econômicas de austeridade. Tratou-se de uma bolha financeira especulativa que estourou dentro do setor imobiliário norte-americano e que não revelou nada além daquilo que o mecanismo normal do mercado faz quando não há nada para controlá-lo (NUNES, p. 72, 2022). Devido à globalização, a crise rapidamente se tornou global e, logo, ficou evidente que as causas estavam profundamente ligadas às medidas de generalização da livre concorrência entre instituições bancárias e fundos de investimentos (DARDOT, LAVAL, p. 25, 2016). Durante esse período, as disparidades econômicas foram ainda mais aprofundadas e os ricos conseguiram tirar vantagem, tornando-se ainda mais ricos enquanto os demais empobreciam. Como é de se esperar de uma ideologia que foi profundamente internalizada de forma a ser isenta de críticas, a crise não abalou a crença cega na teoria econômica neoliberal, mesmo após ter sido o dinheiro público o responsável por equilibrar as contas, pelo contrário, após 2008 as políticas neoliberais foram fortalecidas (JUNIOR, p. 251, 2019).

O Fundo Monetário Internacional (FMI), criado para assegurar um bom funcionamento do sistema financeiro mundial e muito procurado durante a crise, estabeleceu novas condições para empréstimos que obrigavam a aderência de medidas alinhadas ao pensamento neoliberal. Um dos casos mais repercutidos foi o da Grécia que se viu fazendo cortes nos gastos públicos, reduzindo os direitos trabalhistas, reduzindo o salário de servidores públicos e privatizando empresas estatais para conseguir o dinheiro necessário para lidar com o estado econômico de seu país que atingiu uma precariedade catastrófica em 2015. Pois, o país grego, que já devia bilhões de euros antes de ter o seu crédito limitado pela crise global, se viu afundando cada vez mais em dívidas devido as políticas de austeridade⁴.

Outros acontecimentos que merecem ser mencionados foi o conjunto de manifestações conhecido como Primavera Árabe, os quais se iniciaram em 2011 e se estenderam até o ano de 2013 por diversos países do norte da África e do Oriente Médio. Tratou-se de uma reação mobilizada da sociedade civil à crise de 2008 (NUNES, p. 87, 2022) e suas consequências, junto com contestações contra governos autoritários e truculência policial, demandas por democracia e

⁴ Em: [8 perguntas básicas para entender a crise na Grécia e suas consequências - BBC News Brasil](#)

melhores condições de vida. Impulsionado pela interconectividade das redes sociais, a mobilização civil árabe influenciou um ciclo de protestos ao redor do mundo, como o movimento Occupy Wall Street, em Nova York, quando dezenas de pessoas ocuparam o distrito financeiro da cidade para protestar contra a crescente desigualdade econômica e como as diversas manifestações que eclodiram em solo brasileiro, no ano de 2013, culminando em mobilizações massivas no mês de junho (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, p.84, 2021) e influenciando outras mobilizações, em 2015.

Outro importante acontecimento internacional foi o pico da crise migratória, em 2015, causada por cenários de conflitos, violência e pobreza em países como a Síria, o Afeganistão, a Eritreia e Kosovo que motivaram uma onda de milhares de pessoas a procurarem refúgio em outros países, principalmente nos países da Europa⁵. A questão da imigração foi um importante tópico motivador nos discursos de extrema direita que tratou de tornar os refugiados ou migrantes em “alvos” de culpabilização pela falta e precariedade de empregos. A escolha de “alvos” ou “*bodes expiatórios*”, ou seja, aqueles que serão taxados como o “inimigo comum”, é vital para a narrativa de políticos extremistas e é um fator comum entre os diferentes movimentos que ascenderam nos últimos anos. Vital, pois servem como um mecanismo político de direcionamento do ódio e da frustração daqueles que se veem ameaçados diante de agressões, não particularmente delimitadas, contra o seu mundo (MESSENBURG, p. 15, 2017). Assim, vê-se dentro de alguns grupos do radicalismo uma predominância de discursos nacionalistas, xenofóbicos, racistas e em outros uma predominância do fundamentalismo religioso, ódio à esquerda, ao feminismo e aos homossexuais (LOWY, p. 2, 2019).

O contexto internacional a qual os grupos de extrema direita ganharam força é, então, um de emoções reativas e ideologias políticas polarizadas. Arlie Hochschild em seu livro, *Extraños em su propia tierra*, afirma que os norte-americanos apoiadores do movimento radical de direita *Tea Party*, relatam sua conexão ao movimento em narrativas essencialmente sentimentais, ou seja, emoções já percebidas e avaliadas. Dentro desse contexto, o ressentimento foi um sentimento primordial na mobilização dos seguidores da direita radical. Trata-

⁵ Em: [Refugiados na Europa: a crise em mapas e gráficos - BBC News Brasil](#)

se de uma constelação afetiva característica aos conflitos de indivíduos e grupos sociais inseridos em democracias modernas (KEHL, p. 172, 2020). Sendo assim, o ressentimento classifica-se como um sintoma do pressuposto de igualdade, inserido na base das democracias capitalistas, que entra em choque com a realidade marcada por intensas desigualdades socioeconômicas e que tendem a agravar com políticas neoliberais.

Sentimentos como o ressentimento, então, motivaram politicamente a parcela da população branca de classe média que foram prejudicadas por sucessivas crises e ignorados por políticas sociais do Estado. Logo, essa parcela encontrou um eco de suas próprias angústias nos discursos contra os governos de esquerda responsáveis por políticas assistencialistas e pautas de empoderamento negro, feminino e LGBTQIA+ que, para eles, assim como os imigrantes, causaram um saturamento no mercado e oportunidades de emprego, além de subverterem as ordens sociais moralistas e cristãs. O ressentido tornou-se, então, compatível com o movimento de defesa do conservadorismo, pois ele deseja a volta da ordem (KEHL, p. 175, 2020) hierárquica e tradicionais. O ressentimento é, então, um sentimento que estreita os laços e os vínculos identitários entre figuras ultraconservadores da extrema direita, como Bolsonaro e o seu eleitorado (JUNIOR, GOULART, FRIAS, p. 24, 2021).

Para finalizar, o contexto apresentado foi marcado por intensificação da concentração de riqueza e das desigualdades socioeconômicas, causada por políticas econômicas neoliberais que aumentaram as taxas de desemprego, cortaram as aposentadorias, privatizaram serviços públicos e precarizaram a mão de obra que tinha que responder por uma demanda de barateamento cada vez mais intensa, abrindo um *gap* econômico e cultural cada vez maior entre as classes e intensificando as emoções negativas. Ao mesmo tempo, diante do avanço desgastante das consequências neoliberais e das dívidas históricas de marginalização, governos progressistas adotaram políticas sociais para remediar as disparidades, fazendo com que cristãos brancos rurais ou suburbanos, se sentissem ignorados e deixados de lado pelo Estado, tornando-se cada vez mais empobrecidos, frustrados, alienados e humilhados por aqueles que desdenhavam de seus costumes tradicionais (BROWN, p. 11, 2019), deixando-os vulnerável ao discurso sedutor e populista de políticos da extrema direita.

1.2. O contexto brasileiro

O Brasil aderiu a agenda neoliberal, de forma mais direta, durante o governo Collor (1990 – 1992), dissolvendo, então, a estrutura protecionista em favor da liberalização comercial, financeira e liberalização do câmbio (MARTINS, p. 140, 2005). A partir de então, a afirmação do projeto político neoliberal e a construção do novo modelo econômico, redefiniu as relações entre classes e frações de classes dentro da sociedade brasileira (FILGUEIRAS, p. 6, 2006). O projeto continuou evoluindo por entre governos, assumindo durante o primeiro governo de Lula (2003 – 2011), filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), uma fase de aperfeiçoamento e ajuste que ampliou e consolidou ainda mais a hegemonia do bloco financeiro dominante. Isso evitou um enfrentamento do bloco dominante com o governo de esquerda, possibilitando, com isso, a aderência de políticas sociais assistencialistas.

O segundo mandato do presidente Lula marcou uma retomada do desenvolvimentismo ao optar por políticas de aumento e expansão do gasto público e investimento estatal. Assim, mesmo limitado por restrições financeiras e fiscais das instituições internacionais, entre 2005 e 2010 o governo conseguiu adotar uma agenda alternativa responsável pela retomada do crescimento econômico e um bom desempenho do PIB. Resultando em uma expansão do gasto, do consumo e da renda popular, além da redução das desigualdades sociais providas por medidas de políticas sociais que obtiveram bons resultados (JUNIOR, p. 10, 2016). Pode-se dizer, então, que durante o segundo mandato de Lula o governo começou a se afastar das políticas neoliberais de austeridade, aumentando o poder econômico das classes mais pobres e diminuindo, com isso, o *gap* entre as classes, gerando uma insatisfação reprimida daqueles acostumados e beneficiados pela ordem hierárquica desigual que não gostavam de compartilhar os mesmos espaços que pessoas de classes mais baixas. Como exemplo, trago a fala do ministro da economia do governo Bolsonaro, Paulo Guedes: *“todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica indo pra Disneylândia, uma festa danada (...) o câmbio estava tão barato que todo mundo estava indo pra Disneylândia, até as classes sociais...”* mais baixas⁶.

⁶ Em: [Paulo Guedes: 'Empregada doméstica indo para Disney, uma festa danada' - YouTube](#)

Inseridos dentro de um mundo globalizado e conectado por mídias sociais, o espírito manifestante da Primavera Árabe chega ao Brasil em 2013, no mesmo período em que a estabilidade econômica brasileira começa a desmanchar. Assim, milhares de pessoas, motivadas pelo anúncio do aumento das passagens de transportes públicos, vão às ruas protestar a insatisfação contra o direcionamento da economia do governo Dilma (2010 – 2016). As manifestações de junho de 2013 contou com um conjunto de demandas variadas, entre elas: mais recursos para a educação, para a saúde, passe livre para transportes públicos e corte dos gastos públicos para a Copa do Mundo a ser sediada pelo país no ano seguinte⁷. Portanto, ainda não havia na mobilização das massas uma definição política, não era de esquerda ou de direita, era simplesmente gritos de insatisfação de todos os espectros políticos.

O cenário das manifestações mudou quando Dilma foi reeleita, intensificando a polarização política-ideológica. No ano seguinte da vitória da presidente, em 2015, milhares de pessoas voltaram às ruas brasileiras para mostrar sua indignação com o resultado das eleições em protestos que se mostraram dominados pela direita e por demandas essencialmente alinhadas ao pensamento *antipetista* e à tendências *antidemocráticas*. Explicado por uma teoria desenvolvida por Hochschild, quando há o aumento de polarizações ideológicas nas sociedades, estabelece-se um cenário cada vez mais propenso à construção de *muros de empatia*. Ou seja, muros metafóricos que prejudicam a compreensão, o diálogo e a busca por consenso na medida em que distancia cada vez mais os compatriotas. Tratam-se, então, de barreiras invisíveis que nutrem sentimentos *antidemocráticos*, de indiferença e hostilidade àqueles do “outro lado do muro”, criando certezas imediatas e irreconciliáveis sobre o outro (HOSCHILD, p. 14, 2016), prejudicando, assim, a democracia que depende da comunicação e alinhamento entre grupos de opiniões diferentes acerca de questões políticas básicas (HIRSCHMAN, p. 10, 1992).

Assim, no ano de 2015 surgiram novos atores sociais com conjuntos de valores que há décadas não participavam de forma intensa na arena pública, revelando a presença de grupos conservadores com convicções

⁷ Em: [Invasão de bolsonaristas em Brasília é comparável a protestos em 2013 e 2017? - BBC News Brasil](#)

segregacionistas e autoritárias (MESSEMBERG, p. 1, 2017). Pode-se afirmar, então, que foi durante a administração da presidente Dilma, especialmente durante o seu segundo mandato, que a “nova” direita emergiu com força e começou a se aproximar do controverso extremista Jair Bolsonaro (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, p. 79, 2021) e suas ideias. A reeleição da Dilma representou, assim, uma oportunidade crucial para a nova direita, pois serviu como uma causa compartilhada capaz de unir e consolidar uma parcela da direita que até então estava subdividida por demandas e identidades heterogêneas. A principal demanda das ruas passou a ser o impeachment da presidente sob acusações de corrupção e ocorreu, através de uma intensa articulação discursiva da direita dentro e fora das redes sociais, a intensificação do *antipetismo* ao assimilarem o termo “*combate à corrupção*” como “*combate ao PT*”, intensificando a ideia de que a corrupção, apesar de sempre ter existido, é usado pelo PT como “*prática de governo*” (MESSEMBERG, p. 14, 2017). O processo de impeachment contra a primeira presidente mulher do Brasil resultou na cassação do seu mandato, em 2016, representando uma perda para a esquerda institucionalizada e uma vitória para a nova direita.

Durante esse período, o ódio a corrupção foi estendido ao sistema político como um todo, novamente através da estratégia narrativa dos grupos de direita, rotulando todos os partido e políticos “tradicionalistas” como corruptos; o sistema tornou-se o inimigo comum a ser combatido. Novos políticos aproveitaram o momento para se lançarem como uma opção política e Jair Bolsonaro aproveitou o momento para fortalecer a sua imagem de político “forasteiro”, um político diferente que não faz alianças com os políticos tradicionais, um político que afirma ser “*incorruptível*”⁸. Bolsonaro transformou-se, assim, em uma liderança capaz de dar forma ao movimento das ruas, capaz de representar as angústias do povo conservador e os desejos da extrema direita. Logo, os grupos políticos envolvidos na onda da nova direita aglutinaram-se em torno de sua campanha (NUNES, p. 21, 2022).

Como forma de mostrar o lado do *conservadorismo moral-cristão* envolvido não só na campanha de Bolsonaro, mas na insurgência da “nova

⁸ Em: [\(1\) Bolsonaro sobre Covaxin: "Eu sou incorruptível, vão se dar mal" - YouTube](#)

direita”, trago o fato de que durante os 14 anos do PT no poder, importantes pautas da agenda progressista foram atendidas, tais como: a Lei Maria da Penha aprovada em 2006; a abertura da Comissão da Verdade em 2011; o direito ao casamento conquistado para casais do mesmo sexo em 2011; criação de cotas raciais para instituições públicas em 2012; a Lei da Palmada em 2014; etc. Ou seja, tratou-se de um período de “onda progressista” vivenciado pela aprovação de pautas políticas institucionalizadas e no pensamento vigente dentro da sociedade. Os conservadores internalizaram os avanços e o período inteiro como um “*choque progressista*” (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, p. 77, 2021), como um sinal de ameaça aos seus valores conservadores cristãos e um sinal de perigo de que mais avanços desse tipo poderiam ocorrer caso o PT continuasse no poder, alimentando, então, o *antipetismo* e *antiesquerdismo* essenciais para o fortalecimento da extrema de direita.

É nesse contexto que as eleições de 2018 ocorreram. Jair Bolsonaro chega à presidência com um discurso neoliberal, conservador, moralista, essencialmente antifeminista, anticomunista e antiesquerdista, mas especialmente anticorrupção e antipetismo, culpabilizando as administrações petistas por todas as mazelas e insatisfações do povo brasileiro (SILVA, RODRIGUES, p. 10, 2021), consolidando, também, a sua posição de líder do movimento de retomada da defesa do conservadorismo.

Esse capítulo buscou elucidar o cenário econômico, social e político de instabilidade, mostrando, assim, o terreno fértil das sociedades modernas para a ascensão de grupos de extrema direita formadores de discursos sedutores e mobilizadores de emoções. Conjugando elementos já familiares do neoliberalismo, como o favorecimento do capital, repressão do trabalho, demonização do Estado social e do político, ataques às igualdades e exaltação das liberdades, com os seus aparentes opostos como nacionalismo, imposição da moralidade tradicional e antielitismo populista (BROWN, p. 10, 2019) a mobilização política das emoções foi feita, principalmente por meio de mensagens descontextualizadas ou falsas disseminadas nas redes sociais, contra a esquerda e a favor dos políticos extremistas.

Alguns exemplos: a vitória de Boris Johnson em 2019 (Reino Unido); a aprovação do referendo BREXIT em 2020, dando início ao processo de saída do Reino Unido da União Europeia (União Europeia); a vitória de Donald Trump

(Estados Unidos) em 2016; a vitória de Jair Bolsonaro em 2018; a vitória de Sebastián Pinera em 2010 e novamente em 2018 (Chile); a vitória de Giorgia Meloni (Itália) em 2022. Alguns dos slogans elaborados mostram a retórica nacionalista, conservadora e de resgate de um “passado melhor” onde a ordem hierárquica estava mais rígida: “*Make America Great Again*” (“*torne a América grande novamente*” – Trump – Estados Unidos); “*Take back control*” (“*retome o controle*” – campanha pró BREXIT – Reino Unido); “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*” (Bolsonaro – Brasil).

Adorno afirmou que a concentração de riqueza do mundo estabelece um estado permanente de possibilidade de desclassificação econômica e de status sociais de pessoas que, inseridos na mentalidade neoliberal, passam a culpar as suas mazelas nos governos que tomam medidas para balancear o sistema econômico, os receptores de políticas sociais inseridas em tais medidas e os que criticam ou questionam as noções neoliberais, não enxergando que o sistema que defendem é o que causa as injustiças, desigualdades e misérias. Logo, as políticas sociais e seus defensores são rotulados de inimigos que buscam estabelecer uma ordem artificial de igualdade e prejudicar o sistema econômico neoliberal meritocrático, ou seja, inimigos comuns que ao serem compartilhados possibilitam a sensação de pertencimento e a construção de uma identidade.

Até pouco tempo a garotada acreditava na perfeição hipotética do PT. (...) E esses projetos sociais o pessoal caiu na real também que, em grande parte, são projetos eleitoreiros. (...) Quando eu falo do Bolsa Família, ninguém quer acabar com a Bolsa Família, mas 1/3 do Bolsa Família é fraude. O outro 1/3 tem como reincluir no mercado de trabalho se você tiver trabalho. E o outro 1/3 não tem como fugir do Bolsa Família, são pessoas que morreriam de fome e não podemos abandonar isso.⁹ (BOLSONARO, 2017)

⁹ Em: [JAIR BOLSONARO - É NOTÍCIA - REDETV! - YouTube](#)

Mesmo que saiam momentaneamente do poder, os pressupostos extremistas de direita ou movimentos fascistas perduram socialmente (ADORNO, p. 45, 2020). No caso do Brasil, os pressupostos de cunho fascista ressurgiram, publicamente, durante as manifestações de 2015 e, a partir da legitimação das suas emoções, as pessoas, especialmente a classe média branca, foram mobilizadas a direcionar os seus sentimentos de raiva e ressentimento com expressões de ódio que clamavam o seu pânico em perder os privilégios seculares vistos não como tais, mas como resultados naturais de um processo justo fundado na concorrência e no mérito (MESSENBURG, p. 20, 2017). Com isso, aqueles incomodados em dividir o espaço com a parcela historicamente marginalizada, mas que mantiveram tais sentimentos enrustidos, encontraram no “*politicamente incorreto*” e no preconceito orgulhoso de Jair Bolsonaro um eco e uma legitimação de suas próprias emoções e pensamentos.

Capítulo 2

O “*bolsonarismo*” da extrema direita brasileira

O “*bolsonarismo*” pode ser interpretado como um dos fatores envolvidos na vitória de Jair Bolsonaro em 2018 e, sendo assim, falar em “*bolsonarismo*” não é a mesma coisa que falar sobre os seus eleitores, mas sim de um fenômeno formado por uma série de fatores sobredeterminados (NUNES, p. 20, 2022) que levaram a figura de Jair ao maior cargo do Brasil. Os discursos inseridos em tal fenômeno são compostos por um conjunto de ideias, valores e políticas essencialmente conservadoras, moralistas e cristãs. Ainda, a força do movimento não repousa em um laço restritamente essencial com Jair Bolsonaro, mas o movimento carrega o seu nome porque, durante a onda reacionária, Bolsonaro foi quem melhor apresentou as condições para dar forma (NUNES, p. 20, 2022) ao movimento e, sendo assim, consagrou-se como o seu líder, sendo preciso, então, analisar o seu perfil e sua trajetória política para entender o fenômeno.

Jair Bolsonaro deu início a sua carreira política em 1989, após ser acusado e afastado do exército militar por planejar um ataque de bombas dentro do quartel, que exigia salários maiores para os militares. O político começou como vereador do Rio de Janeiro, passando para deputado federal em 1990 onde permaneceu até 2018, mantendo uma quantia de votos estáveis na casa dos 100 mil eleitores. Como deputado federal (1991 – 2018) Bolsonaro colecionou uma série de falas preconceituosas imbuídas de emoção reativas que o encaixam na definição de extrema direita. Em uma de suas mais notórias polêmicas, Bolsonaro, filiado ao partido sucessor do governo da ditadura militar (ARENA), em 2003, ano em que a Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) foi inaugurada, mostrou o teor misógino do seu caráter durante uma discussão com a deputada Maria do Rosário (PT), quando a responde dizendo “*jamais ia estuprar você, porque você não merece*”, além de empurrá-la e chamá-la de “*vagabunda*”¹⁰. Onze anos depois, em 2014, Bolsonaro repete as mesmas ofensas para a deputada Maria do Rosário, na tribuna da Câmara dos

¹⁰ Em: ["Não estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário - YouTube](#)

Deputados¹¹ confirmando a sua falta de remorso e a consistência do seu caráter misógino.

Em 2011, no mesmo mês em que o Supremo julgou que a união entre pessoas do mesmo sexo passaria a valer-se dos mesmos direitos dos casais heterossexuais, Bolsonaro incitou uma polêmica envolvendo um material educativo sobre prevenção da homofobia que o Ministério da Educação (MEC), sob o governo de Dilma, planejava distribuir nas escolas públicas. Bolsonaro acusa o material educativo e o MEC de estar incentivando o “*homossexualismo*”, a “*promiscuidade*”¹² e de estar “*transformando nossas crianças cativas em alvos fáceis para pedófilos*” (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, p. 80, 2021), passando, então, a chamar pejorativamente o material de “*kit gay*”. O resultado da controvérsia em torno do material resultou no cancelamento da sua distribuição e na concordância, por parte do governo, de que “*poderia haver incitação à homossexualidade no material*” corroborando à ideia de que a iniciativa educacional continha uma “ameaça” às crianças (BALIEIRO, p. 8, 2018).

No mesmo ano, em 2011, o governo Dilma, inaugurou a Comissão Nacional da Verdade (CNV) com o objetivo de investigar crimes cometidos pelo Estado brasileiro contra os direitos humanos durante os anos de 1946 a 1988, período que inclui a ditadura militar (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, p. 79, 2021). A direita conservadora, defensora das forças armadas, viu a comissão como uma ofensiva do governo de esquerda e dos progressistas. Reforçando sua ligação com o militarismo e sua afeição pelo período da ditadura militar, Bolsonaro afirmou que “*a comissão da verdade não quer apurar crimes*”, mas sim “*humilhar ainda mais as Forças Armadas*”¹³. Afirmando, em outro momento, que “*a fé está para o católico, como a verdade está para os militares*”¹⁴ dando a entender que as investigações da Comissão da Verdade são mal-intencionadas e não buscam a verdade. Quando ocorreu a votação do processo de Impeachment contra a primeira mulher presidente do país, em 2016, Jair

¹¹ Em: [Bolsonaro repete ofensa à deputada Maria do Rosário - 09/12/2014 - YouTube](#)

¹² Em: [G1 - Bolsonaro critica 'kit gay' e diz querer 'mudar alguma coisa' na Câmara - notícias em Política \(globo.com\)](#)

¹³ G1, 01 fevereiro 2011. Em: [G1 - Bolsonaro critica 'kit gay' e diz querer 'mudar alguma coisa' na Câmara - notícias em Política \(globo.com\)](#)

¹⁴ Em: [\(9\) Comissão da Verdade - Deputado Jair Bolsonaro - Palavra Aberta - YouTube](#)

Bolsonaro, antes de dar o seu voto, proclama “*pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra*”, coronel do exército responsável por sessões de tortura durante a ditadura e o primeiro a ser condenado pela CNV, chamando-o, ainda, de “*o pavor de Dilma Roussef*”¹⁵, referindo-se à prisão de Dilma no período militar e às sessões de tortura a que foi submetida.

Quando a “nova direita” emergiu fortalecida durante as manifestações de junho de 2015, a repercussão das ideias de Olavo de Carvalho atingiu o seu auge entre os participantes do movimento. Para Carvalho a esquerda dominou a imprensa, a política, as escolas e as universidades brasileiras e estariam promovendo a estratégia de ideário marxista de criar uma atmosfera mental para que a população se tornasse socialista sem que se percebam, ou seja, estaríamos vivendo uma “*hegemonia cultural esquerdista*”. Assim, as ideias de Carvalho foram usadas para a disseminação do *pânico moral* envolvendo a construção da ameaça “*esquerdista*” e “*progressista*” que já estaria imposta na nação, ameaçando às igrejas, o cristianismo e o conservadorismo. Anos antes, em 2001, Carvalho publicou as seguintes ideias: “*Desde 1789, praticamente todas as perseguições em massa, todos os genocídios do mundo seguiram o mesmo esquema, obsessivamente repetitivo e invariável: o sacrifício dos crentes pelos ateus militantes. (...) a vítima é religiosa, o assassino é ateu, materialista, progressista, darwinista, portador do projeto de “um mundo melhor” em qualquer de suas inúmeras versões.*”¹⁶.

Mesmo sendo reconhecido como um líder intelectual da nova direita e dele mesmo se apontar como o fator que transformou a sociedade ao ter encorajado os demais conservadores a “*sair do armário*”, Carvalho dizia não pertencer a ela: “*Eu quis que uma direita existisse, o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê. Estou contra o comunismo e quero que o Brasil tenha uma democracia representativa efetiva*”¹⁷. Jair Bolsonaro, em 2018, usou o sistema de crenças de Carvalho para reforçar a sua narrativa de elogios à ordem da ditadura militar, negacionismo científico, teorias conspiratórias, expressões de raiva anticomunista e antiesquerdista,

¹⁵ Em: [\(1\) Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016 - YouTube](#)

¹⁶ Em: [progressista – SAPIENTIAM AUTEM NON VINCIT MALITIA \(olavodecarvalho.org\)](#)

¹⁷ Em: [Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias - BBC News Brasil](#)

além de ofensas infantis e preconceituosas (BEZERRA, CHAGAS, SILVA, SOUZA, p. 7, 2021) externalizadas de forma orgulhosa e, por isso, foi considerado o “*guru*” de Jair Bolsonaro. Porém, Carvalho afirmou em 2021, que isso era “*absolutamente falso*” completando que “*tem muita coisa que ele fez que eu não faria*” e terminou dizendo que até “*meus amigos que estavam no governo ele tirou*”. Assim, para o filósofo, Bolsonaro usou o sucesso dele e de suas ideias dentro do movimento emergente de direita “*para se promover*” e “*se eleger*” e que depois disso “*esqueceu tudo o que eu dizia*”¹⁸.

Bolsonaro, assim, chegou ao cargo maior do Brasil em 2018 a partir da manipulação de mensagens e dos sentimentos legítimos de indignação contra os políticos corruptos como forma de se impor no cenário público e vencer a disputa de opinião, ao identificar o PT como o principal responsável pela corrupção (LOWY, p. 4, 2019), desmoralizando o candidato Fernando Haddad. Há durante a narrativa de Bolsonaro a perpetuação da cosmovisão maniqueísta do *nós versus eles*, os *cidadãos de bem* e os *cidadãos do mal*, uma narrativa que constrói uma resposta fácil para as ansiedades modernas, ao determinar que suas causas recaem sobre um inimigo comum, nesse caso o PT e a esquerda. Oferendo, dessa forma, recompensas psicológicas imediatas, como a sensação de pertencimento e de reconhecimento (NUNES, p. 50, 2022) àqueles que se sentiam ressentidos e ignorados pela onda progressista e oprimidos pela linguagem do *politicamente correto*. O discurso de Michelle Bolsonaro na posse de 2019, mostra o reforço da estratégia narrativa de reconhecimento e pertencimento: “*as eleições deram voz a quem não era ouvido (...). Um país em que sejamos todos respeitados*”.¹⁹

2.1. Uma breve análise do *politicamente incorreto* como forma de validação emocional

Como estratégia para minimizar os danos que seu envolvimento em polêmicas passadas poderia trazer à sua candidatura e, também, como forma

¹⁸ Em: [\(1\) Olavo de Carvalho diz que Bolsonaro o usou como 'poster boy' e que 'briga já está perdida' - YouTube](#)

¹⁹ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Quando eu era apenas uma professora anônima do interior de Santa Catarina, o corporativismo acadêmico feminista tentou aniquilar o meu...”](#)

de se conectar com os *ressentidos* (p. 16), Bolsonaro traçou uma tática para reforçar a sua imagem de vigilante injustiçado que luta pela defesa da liberdade de todos. Neste sentido, como ocorreu com o ex-presidente norte-americano, Donald Trump, eleitores evangélicos ou ultraconservadores sentiram compaixão por Bolsonaro por compartilharem da experiência de serem desdenhados pelas elites culturais e atacados pela academia, entretenimento e mídia (BROWN, p. 113, 2019), devido suas crenças e valores, reforçando, assim os vínculos emocionais e identitários com o seu eleitorado (JUNIOR, GOULART, FRIAS, p. 24, 2021).

Achar que eu tô sendo racista por falar que um afrodescendente pesa 7 arroba? Ah, pelo amor de Deus. Aí é o fim da picada. Eles querem o que? Eles querem o que? Não posso falar mais nada nesse país? Qual o problema? Eu tenho imunidade para falar! Se, hoje em dia, um parlamentar quiser pregar a volta da escravidão, ele pode falar! Está no artigo 53 da Constituição! É um maluco? É um maluco, mas ele pode falar. Nós somos invioláveis por quaisquer (...) palavras, opiniões e votos. Por que eu vou ser o primeiro deputado processado por palavras!?²⁰
(BOLSONARO, 2017)

Bolsonaro, então, floresceu como um candidato que defenderia a parcela da sociedade que se sentia ignorada por políticas sociais, prejudicadas economicamente e censuradas por seus pensamentos, pois compartilhava dos mesmos sentimentos. Como em alguns exemplos discursivos mencionados anteriormente, Jair Bolsonaro, ao longo de três décadas como político, acumulou expressões de misoginia, racismo e homofobia. Justificando-se na defesa da *liberdade de expressão*, Bolsonaro engatou em uma luta contra o *politicamente correto* e, conseqüentemente, contra os esquerdistas ou progressistas. Assim, a extrema direita prometeu acabar com a “*ditadura*” do *politicamente correto* em nome da liberdade, alinhando-se ao discurso comovente do neoliberalismo que a todo momento enaltece a liberdade individual, considerando-a um valor central

²⁰ Em: [JAIR BOLSONARO - É NOTÍCIA - REDETV! - YouTube](#)

da civilização e considerando como ameaça qualquer movimento que substitua os julgamentos individuais por juízos coletivos, tal como ocorreria com o *politicamente correto* (HARVEY, p. 7, 2008).

“O politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: (...) aos adversários a força e à população o controle, a mordada e nada mais. É a maneira que acharam para tentar dominar a maioria” (BOLSONARO, 2018 – Em: CARLO, KAMRADT, p. 2, 2018)

A defesa do “*politicamente incorreto*” sob o pretexto de *liberdade de expressão*, teve, então, um papel importante de mobilização para o fenômeno do *bolsonarismo*. Essa luta serviu como uma forma de validação emocional para aqueles que se sentiam oprimidos, julgados, que precisavam manter os seus pensamentos enrustidos por medo de sofrerem consequências e, então, estariam com as suas “liberdades” restritas. O alvo cativo do bolsonarismo então seguiu a figura política que legitima os seus sentimentos ao repudiar a censura que os oprime e criminaliza. Sendo assim, o *politicamente incorreto* não é nada mais do que uma *inversão retórica* que permite a validação das emoções a partir da possibilidade de expressão de pensamentos preconceituosos de forma orgulhosa e em nome da *liberdade da expressão*. Logo, a tentativa das pautas progressistas em estabelecer vivências mais dignas através do *politicamente correto* é considerado, dentro do *bolsonarismo*, ameaças que precisam ser combatidas (CARLO, KAMRADT, p. 2, 2018) em nome da liberdade.

Capítulo 3

Estudo de caso: deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo

A ascensão da nova extrema direita no Brasil introduziu novos atores na política que, em 2018, conquistaram cargos políticos ao participarem da “onda do bolsonarismo”, alinhando suas campanhas à Jair Bolsonaro e seu discurso ultraconservador. Um desses políticos foi a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo. A atual Deputada Estadual mais votada por Santa Catarina concorreu pela primeira vez a um cargo político em 2018, saindo vitoriosa com apenas 28 anos. Campagnolo nasceu em Itajaí em 1990, teve uma criação conservadora e cristã, é evangélica e antes de sua carreira política, atuava como professora de história em escolas públicas. Quando conquistou o seu cargo como deputada estava filiada ao Partido Social Liberal (PSL) que, como ela reafirma em seus vídeos de campanha em 2018, era o “*partido de Jair Messias Bolsonaro*”²¹. Em 2022, acompanhou Bolsonaro em sua filiação ao Partido Liberal (PL).

Arlie Hochschild defende que somos influenciados pela cultura em que estamos inseridos e cada cultura possui suas próprias tradições regionais que são internalizadas pelos indivíduos à medida que crescemos. Aderindo a essa perspectiva, é preciso fazer uma breve análise do Estado da deputada Campagnolo. O Estado de Santa Catarina é caracterizado pela hegemonia partidária das agremiações de direita e de centro desde 1980 e suas vitórias eleitorais vem se mostrando cada vez mais ideológicas e ligada às pautas morais religiosas e de gênero, além de pautas de segurança pública mais duras²². Após as eleições de 2022, o Estado mostrou-se fiel à Bolsonaro ao acumular o maior número de bloqueios de estradas durante os protestos nacionais contra a vitória de Lula.

Os motivos apontados para Santa Catarina ser um estado marcado por uma hegemonia de direita e apresentar afinidade com o “*bolsonarismo*” estão no tradicionalismo e conservadorismo característico do estado, o qual não possui

²¹ Em: [\(1\) Ana Caroline Campagnolo | 17771 em Santa Catarina - YouTube](#)

²² Em: [As eleições de 2022 em Santa Catarina: um sistema partidário dominado pelo bolsonarismo - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](#)

grandes metrópoles, sendo formado por pequenas cidades, que contam com uma cultura de valorização dos preceitos herdados dos primeiros imigrantes, principalmente vinculados a ideia de esforço e mérito pessoal. A própria deputada Campagnolo refere-se a essa manutenção cultural dos povoadores de Santa Catarina quando, durante sua campanha de 2022, diz que *“Campagnolo, meu sobrenome, significa camponês em italiano e eu tenho muito orgulho de ter vindo de uma família de colonos”*.²³

A atenção midiática em torno da catarinense começou quando a mesma abriu um processo contra a sua professora na Universidade do Estado de Santa Catarina, após a sua dissertação de mestrado ser reprovada em 2016. A deputada processou a sua ex-orientadora acusando-a de perseguição ideológica e discriminação religiosa. Para ela, sua reprovação foi motivada pelo fato de ser cristã, conservadora e antifeminista. Em seu livro, Campagnolo relata que se *“escondia toda vez que meus amigos faziam chacota das minhas convicções”* e que durante o seu curso de história viu *“todos os (...) colegas serem conformados ao esquema “esquerdista e feminista”*”, afirmando que percebia que *“alguma coisa estranha estava acontecendo (...), mas não imaginava que alguma coisa realmente grande estava acontecendo no mundo todo desde 1960”*, finalizando dizendo que foi *“jogada à extrema-direita”* (CAMPAGNOLO, 2019, p. 23 e 24). É nítido, nas palavras de Campagnolo, a influência das ideias de Olavo de Carvalho, de quem foi aluna em 2015, que, em 2002, afirmou que *“em meados da década de 1970, a hegemonia cultural da esquerda já era, mais do que um fato consumado, um direito adquirido”*²⁴.

A ala conservadora de políticos vinculados ao programa Escola Sem Partido mostrou apoio público à Campagnolo enquanto entidades do Ensino Superior repudiaram a sua ação²⁵. O programa Escola Sem Partido foi criado, em 2004, para combater a doutrinação de esquerda nas escolas, incorporando, com o tempo, a luta contra conteúdos sobre sexualidade e a chamada *“ideologia de gênero”*. Apesar do seu fundador, o advogado Miguel Nagib, ter declarado o programa como extinto em 2022, a pauta do movimento continua ativa com

²³ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Aqui em Santa Catarina, a agricultora é responsável por mais de 30% do PIB, constituindo a maior força produtiva do Estado! Ao longo do...”](#)

²⁴ Em: [Hegemonia – SAPIENTIAM AUTEM NON VINCIT MALITIA \(olavodecarvalho.org\)](#)

²⁵ Em: [Professora de história antifeminista processa orientadora por "perseguição" - 31/03/2017 - UOL Educação](#)

diversos projetos sendo apresentados com a intenção de censurar, nas escolas e universidades, temas considerados de esquerda, temas sobre identidades de gênero e sobre sexualidades. Após a repercussão de sua história, Campagnolo foi convidada pelo programa Escola Sem Partido a participar de uma comissão especial (PL 7180/14) em Brasília, para relatar a sua experiência de doutrinação ideológica nas instituições de ensino pública²⁶. Após a repercussão do processo judicial e sua inserção no Escola Sem Partido, Campagnolo conquistou a atenção e o apoio de catarinenses, pautando sua imagem política a partir de um discurso antiesquerdista, com agenda antifeminista e antigênero, dando um foco especial no combate à doutrinação na educação (BARBOSA, p. 70, 2023).

Campagnolo, já tendo acumulado atenção pública, relata que foi convidada, em 2018, a se filiar ao PSL e a concorrer ao cargo de deputada estadual por Santa Catarina por, de acordo com ela, considerarem que ela tinha um *“perfil de política quase eleita”*²⁷. Em seu vídeo de pré-campanha, Campagnolo afirma sua luta *“contra a doutrinação marxista nas escolas e nas universidades”* além de *“combater outras pautas de esquerda e pautas anticristãs”*, finalizando o vídeo com *“se você também tem princípios liberais e conservadores, conheça minhas ideias”*²⁸. Nesse período, 2018, a sua atividade no Instagram era mais pessoal do que profissional, fato que mudou ao longo dos seus quatro anos de mandato, resultando em uma campanha online intensa no ano de 2022, com a apresentação acentuada de suas pautas antifeministas, antiesquerdistas, anticomunistas e antiabortistas.

Logo após sua vitória nas eleições de 2018, a sua atividade na plataforma do Instagram, assim como no YouTube, aumentou exponencialmente e pouco tempo depois da sua vitória ter sido anunciada, Campagnolo causa uma comoção nacional ao publicar um pedido para que os alunos das redes de ensino público enviassem vídeos de professores que estivessem fazendo *“manifestações político-partidárias ou ideológicas”* em sala de aula. Em resposta, o Ministério Público abre uma investigação para apurar uma possível violação ao direito à educação dos estudantes, que tem sua liberdade de ensino e

²⁶ Em: [\(8\) Professora relata caso de perseguição ideológica em universidade pública - YouTube](#)

²⁷ Em: [\(8\) Como surgiu o seu interesse pela política? | Ana Responde - YouTube](#)

²⁸ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Marca seu amigo catarinense que ainda não sabe quem apoiar pra deputado estadual nesta eleição :\) Entra em contato com a gente se tiver...”](#)

aprendizagem assegurada pela Constituição Federal²⁹. Logo figuras como Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Olavo de Carvalho, entre outros, manifestaram seu apoio ao pedido da deputada, dando-lhe ainda mais destaque público. Trago o exemplo do autointitulado filósofo:



Fonte: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: "Levei um puxão de orelha pela ingenuidade e um cafuné pela bravura de ninguém menos que o "Guru da Direita Delirante". Amo você, professor...."](#)

Campagnolo, tornou-se, assim, figura de destaque político e intelectual dentro do *bolsonarismo*. Em sua primeira publicação de campanha eleitoral em 2022, a deputada classifica-se como sendo uma das *"agentes políticas mais influentes do Brasil"*. De fato, Campagnolo soma um número substantivo de seguidores nas redes sociais, um número acumulado dentro de um ano. No início do ano de 2022 seu perfil contava com cerca de 900 mil seguidores; ao final do mesmo ano somava 1,3 milhões; e em abril de 2023, já contava com 1,4 milhões de seguidores. O seu sucesso online vem de uma constante produção, publicação e divulgação de conteúdos didáticos sobre o conservadorismo cristão, contra a esquerda, contra o movimento feminista e contra as pautas de

²⁹ Em: [Deputada estadual do PSL eleita por SC incita alunos a filmar e denunciar professores | Eleições 2018 em Santa Catarina | G1 \(globo.com\)](#)

gênero, algo que já vinha fazendo desde 2013 com o seu canal na rede YouTube, mas que se intensifica ao conquistar seu cargo de deputada.

Dedicando-se primordialmente ao antifeminismo, a deputada publicou três livros nos últimos anos: *Feminismo: perversão e subversão* lançado em 2019; *Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas* de 2021; e *O mínimo sobre o feminismo* de 2022. Na parte de trás da capa do seu livro de 2021 estão escritas as seguintes palavras: “*é preciso conhecer a verdadeira identidade do movimento feminista, a qual tem mais a ver com engenharia social e subversão cultural do que com os direitos das mulheres*”. Logo, Campagnolo mostra-se uma importante figura na luta contra o movimento feminista, pautando a sua agenda política em pressupostos essencialmente *antifeministas* e *antigênero*.

Quando a deputada iniciou sua carreira política, ela era resistente em se definir como antifeminista e até mesmo em considerar o *antifeminismo* como sendo um movimento social-político. Em uma reportagem publicada no dia 17 de fevereiro de 2019, pelo site UOL, o jornalista Vinicius Konchinski introduz a nova deputada estadual “*forjada em polêmica*”, a partir de uma entrevista em que ele questiona: “*A senhora já foi descrita como antifeminista. Concorda?*” ao que ela responde “*Não sou antifeminista. Só não sou feminista.*”. A resposta veio poucos meses depois de ter participado do 1º Congresso Antifeminista no Rio de Janeiro. Ainda em 2019, Campagnolo escreve em seu livro que “*(...) não existe um coletivo antifeminista, nem há um partido engajado em resgatar a “mística feminina”. Tudo o que precisa ser feito, especialmente no Brasil, ainda está por se fazer*” (CAMPAGNOLO, p. 367, 209). Nota-se que há uma estratégia em minimizar o contra movimento como sendo apenas uma “reação”, pois se uma contraofensiva se apresenta sem barreiras bem delimitadas, torna-se mais difícil para a oposição apresentá-lo ao público como uma contraofensiva com agenda política real, dificultando, assim, o seu combate. Porém, quatro anos depois, Campagnolo parece ter abraçado o termo:



anacampagnolo

Seguir

Enviar mensagem



4.885 publicações

1,4 mi seguidores

1.648 seguindo

Ana Caroline Campagnolo

Deputada Estadual MAIS BEM VOTADA DA HISTÓRIA de SC, escritora antifeminista, prof. de história, cristã e conservadora. Conheça LIVRARIA e CURSOS
anacampagnolo.com/links + 1

Fonte: [Ana Caroline Campagnolo \(@anacampagnolo\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Talvez a aderência do termo pela deputada reflita o fortalecimento do contra movimento antifeminista. Figuras como a deputada e movimentos como o Red Pill, tem se manifestado mais abertamente e diretamente contra o movimento feminista e suas mensagens têm repercutido cada vez mais nas redes sociais, dando-lhe mais atenção e fortalecendo as suas pautas. No pleito de 2022, Campagnolo mostrou o fortalecimento da sua influência e poder político que acumulou durante seus quatro anos de mandato, conquistando o título de deputada estadual mais votada da história de Santa Catarina, quintuplicando o número de votos que recebeu em 2018.



Fonte: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: "Vocês me ajudaram a entrar para a história de Santa Catarina e fizemos tudo isso sem vitimismo! Vocês são incríveis! A partir de agora..."](#)

Capítulo 4

Análise de conteúdo: o discurso político da deputada durante a campanha eleitoral de 2022

Seguindo o objetivo da pesquisa, foi feita uma análise das narrativas da deputada Campagnolo durante a campanha eleitoral de 2022, a partir da coleta das 59 publicações feitas em seu Instagram entre 16 de agosto a 1 de outubro de 2022. Como mencionado, a escolha da deputada se deu por considerá-la uma figura de destaque dentro do fenômeno do *bolsonarismo*. Campagnolo é uma das parlamentares fiéis à Bolsonaro; tem uma ampla rede de seguidores online; é a única mulher conservadora na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina; participa da comissão mais importante, a CCJ; é uma voz que vem se fortalecendo contra a esquerda e suas pautas; e é uma ativista antifeminista. A figura de Campagnolo compõem, então, não apenas um quadro político, mas também um quadro da nova direita que produz e distribui seus pensamentos ideológicos conservadores para uma grande audiência (SPAREMBERGER, LOBO, DA SILVA, p. 2, 2021).

Outro indício do seu alcance para além de seu estado, pode ser visto com uma rápida pesquisa na ferramenta Google Trends. Ao digitar “ana campagnolo” e analisar os índices de pesquisa somente durante o ano de 2022, o interesse por sub-região aparece mais forte em Santa Catarina, como era de se esperar, mas logo é seguido por um equilíbrio entre diversos estados: Distrito Federal (18); Sergipe (18); Rondônia (16); Minas Gerais (14); Paraná (14); Goiás (14); Amazonas (13); etc.³⁰ Além disso e por diversas vezes durante a sua campanha, Campagnolo afirmou que: “*todo mundo diz que eu tinha que ir para Brasília*” (live em @bolsonarosp – agosto 25, 2022) e que só não fez isso, em 2022, por causa de uma acordo com uma colega de partido. É de se esperar, portanto, que a deputada concorra ao cargo de deputada federal nas próximas eleições e que, provavelmente, tenha grande chance de êxito, tendo em vista o seu alargamento eleitoral nas últimas eleições.

Muito se diz hoje sobre o potencial das redes sociais em eleger e depor políticos. A mobilização pelo impeachment de Dilma, em 2016 e a eleição de Bolsonaro, em 2018 foi fortemente amparada por conteúdos e *fake news*

³⁰ Acessado em 13 junho 2023, em: [ana campagnolo - Pesquisar - Google Trends](#)

disseminadas em grupos de WhatsApp, mas talvez o caso mais notável seja o da BREXIT na Inglaterra. O plebiscito sofreu forte manipulação midiática nas redes sociais, causando um escândalo e um processo criminal envolvendo o Facebook, a empresa Cambridge Analytica e a venda de informações pessoais para o uso político, que acabaram por manipular o resultado da votação. Não há como negar o impacto das redes sociais na formação de ideias, identidades e escolhas políticas. “*As redes sociais se tornaram meio decisivo para a dinâmica contemporânea do comportamento político que influi na difusão de conhecimento, formação de identidade e decisão de voto por parte do eleitorado*” (SPAREMBERGER, LOBO, DA SILVA, p. 2, 2021). Com isso em mente, Campagnolo mostrou-se inserida nessa mentalidade e apresentou uma incrível evolução da sua atuação nas redes sociais nos últimos anos. A deputada aumentou sua atividade postando mais conteúdos didáticos, intensificou seu engajamento com o público nos comentários e, ainda, solidificou a apresentação de suas ideias, mostrando-as de forma mais firme do que quando começou na política em 2018.

Ao dar início à sua campanha de 2022 o alinhamento com Jair Bolsonaro e com as ideias de Olavo de Carvalho se mantiveram firmes e presentes na narrativa discursiva de Campagnolo. Em sua primeira publicação de campanha, colocou como principal propósito a “*reeleição do presidente Bolsonaro*” e afirmou que o seu mandato foi norteado pelas bandeiras de “*defesa da vida, da família, da primazia dos pais sobre a educação dos filhos, da livre iniciativa, da propriedade privada e da nossa liberdade diante das ameaças autoritárias e anticristãs*”³¹. De forma a organizar o conteúdo investigado objetivamente em categorias com elementos exclusivos (SAMPAIO, LYCARIÃO, p. 60, 2021), os temas discursivos da deputada foram separados em quatro grandes campos: Exaltação à Bolsonaro; Conservadorismo cristão; Antiesquerdismo; e Princípios neoliberais. Cada campo é composto por ideias que guiam o campo semântico de forma mais recorrente, como mostrado pelo gráfico:

³¹ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “A defesa da vida, da família, da primazia dos pais sobre a educação dos filhos, da livre iniciativa, da propriedade privada e da nossa...”](#)

Campos semânticos			
Exaltação à Bolsonaro	Conservadorismo cristão	Antiesquerdismo	Princípios neoliberais
Ideias			
Bolsonaro-líder	Exaltação da fé cristã	Antiacademicismo	Estado mínimo
Bolsonaro-perseguido	Família tradicional	Anticomunismo	Livre iniciativa
Bolsonaro-machismo	Antifeminismo	Antipetismo	
Bolsonaro-família	Cristofobia		
	Armamentismo		

Quando eu era apenas uma professora anônima do interior de Santa Catarina, o corporativismo acadêmico feminista tentou aniquilar o meu futuro. Porém, um homem teve a coragem de me estender a mão e ajudar a enfrentar o que naquele momento parecia ser uma batalha perdida. Enquanto as feministas buscaram tirar tudo de mim, [@jairmessiasbolsonaro](#) me acolheu e inspirou a conquistar muito mais do que eu havia almejado. Vote em quem defende seus princípios! (CAMPAGNOLO, publicação do dia 24 de agosto de 2022 no Instagram)

Como demonstrado acima, foi identificado que a lealdade de Campagnolo ao seu “líder” é motivado por uma gratidão pessoal que norteia a sua atuação política. O campo semântico “*Exaltação à Bolsonaro*” esteve presente de forma intensa na narrativa de Campagnolo, assim como esteve recorrente em sua campanha de 2018 e ao longo de todo o seu mandato, mostrando que sua conexão com o ex-presidente foi e é determinante para sua carreira política. Das 59 publicações coletadas, 51 deixaram evidente a ligação de Campagnolo à Bolsonaro e as análises desse campo determinaram como discursivas recorrentes as seguintes ideias: Bolsonaro-líder; Bolsonaro-perseguido;

Bolsonaro-machismo; Bolsonaro-família. Foi identificado, também, que os elementos discursivos que caracterizam cada ideia se interligam. Dessa forma, Campagnolo mostra sua lealdade à liderança de Bolsonaro classificando-o como perseguido, além de defender que “Bolsonaro não é machista”, pelo contrário, Bolsonaro apoia as mulheres, mães e famílias.

Diferente de sua primeira campanha, em 2022 Campagnolo apresentou as suas próprias pautas de forma explícita, atrelando a sua imagem com a de Bolsonaro, como forma de se autopromover e ao mesmo tempo enaltecer o seu candidato à presidência. Assim, a maneira como Campagnolo atrelou à sua campanha à promoção do ex-presidente a destacou entre outros políticos, pois, suas publicações direcionaram-se diretamente à reeleição de Bolsonaro, ao invés de se limitar a publicações que apenas reafirmavam sua ligação com o líder. Durante uma live com Eduardo Bolsonaro, postado em seu perfil público, Campagnolo diz, sobre ela e sua colega Julia Zanata, que “(...) *a nossa prioridade é eleger o presidente Bolsonaro. O primeiro voto que a gente pede é o 22 do Bolsonaro*” recebendo, então, um elogio do filho de Bolsonaro, que afirma que “*é muito difícil ter um político como Ana Campagnolo que reconhece que a eleição principal é a do presidente*” (@bolsonarosp – agosto 25, 2022).

Seguindo o seu objetivo de impulsionar a reeleição de Bolsonaro, o foco da deputada foi apresentá-lo como um candidato viável para as mulheres, grupo eleitoral que mais reprova do político, atribuindo a sua rejeição devido a “mentiras” construídas contra o candidato e apresentando-o como perseguido. Na live com Eduardo Bolsonaro, Campagnolo reafirma esse posicionamento ao dizer que é preciso “*Ajudar as pessoas comuns a entenderem que Bolsonaro não é racista, Bolsonaro não é machista, Bolsonaro não é homofóbico e além de tudo Bolsonaro é o único que defende a vida (...) dos mais oprimidos, que são os bebês*”, a fim de “*desmentir esse cenário*”. É possível ver que, a partir da associação de Bolsonaro como sendo perseguido, a narrativa da deputada se encaixa na dialética, comum dentro da extrema direita, de conspiração, a qual acredita e impulsiona a ideia de que uma grande conspiração ameaçadora está em marcha.

Campagnolo, então, usa da *narrativa mítica do complô* ao estabelecer uma transformação qualitativa da realidade (MESSENBURG, p. 17, 2017) com o objetivo de estabelecer a imagem de Bolsonaro como perseguido e, ao mesmo

tempo, deslegitimar as acusações de misoginia e machismo, comprovadas por inúmeros vídeos, mostrando falas e ações do ex-presidente, reduzindo-as a mentiras do *complô* construído por “*opositores políticos*” que “*distorcem a realidade*”. Grande parte da campanha da deputada foi, então, direcionada a remediar a imagem de machista do Bolsonaro. Assim, sua estratégia foi articulada através da produção de vídeos e panfletos afirmando o contrário e mostrando exemplos de projetos aprovados por Bolsonaro que representariam “*todo o cuidado*” que o candidato teve, tem e terá com as “*mulheres e mães*”.³² A deputada liga, então, as quatro ideias inseridas no campo semântico, ao afirmar que “Bolsonaro não é machista”, pelo contrário, Bolsonaro atua em prol de mulheres e, principalmente, mães com o intuito de beneficiar as famílias e que as crenças contrárias a essa ideia existem por causa da rede de mentiras que o persegue.

Fica evidente que a *narrativa do complô* norteia esse campo discursivo, assim como está presente nos demais. Pois, como forma de exaltar o seu líder, Campagnolo usa da estratégia de *complô* para que a sua audiência creia que Bolsonaro é perseguido, transformando as acusações contra ele em ilegítimas e, assim, garantindo que ao introduzir essas ideias, associando-o com a defesa da mulher e da família, elas substituirão as acusações contrárias.

No que diz respeito ao conservadorismo cristão, em sua primeira publicação como candidata em 2022, Campagnolo escreveu as seguintes palavras: “*a defesa da vida, da família, da primazia dos pais sobre a educação dos filhos (...) e da nossa liberdade diante das ameaças (...) anticristãs foram bandeiras que nortearam meu mandato ao longo dos últimos 4 anos*”, mostrando que o *conservadorismo cristão* é o principal catalizador não só dos seus discursos políticos, mas da personalidade pública da deputada. Das suas 59 publicações, 49 expõem o seu conservadorismo cristão e moralista. As principais ideias força desse campo semântico são: a exaltação da fé cristã; a defesa da família tradicional; o antifeminismo; a cristofobia; e o armamentismo/violência exacerbada.

Expondo o seu contínuo alinhamento às ideias de Carvalho, Campagnolo afirma que “*o professor Olavo já dizia que “o conservadorismo significa*

³² Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Todo dia a mídia e os opositores políticos tentam construir narrativas diferentes para distorcer a realidade, mas o fato é que...”](#)

fidelidade, constância e firmeza; não é coisa para homens de geleia”, argumentando, ainda, que enquanto a direita continuar reduzindo tudo ao debate econômico, o “*povo vai continuar sendo subjugado em todas as esferas*”, pois essa “*guerra é uma guerra espiritual*”³³. Com essa publicação, Campagnolo exalta o conservadorismo, ao mesmo tempo em que reafirma a teoria conspiratória de uma guerra traçada contra o conjunto de valores conservadores e cristãos, introduzindo, então, a ideia de “*cristofobia*”. Dessa forma, Campagnolo adere à sua narrativa o que Albert Hirschman chamou de *tese da ameaça*, que constrói uma narrativa das ameaças contidas em possíveis reformas ou mudanças, pois elas teriam custos ou consequências inaceitáveis (p. 73, 1992). Na narrativa de pessoas como Campagnolo, as mudanças seriam as de cunho progressista, as quais romperiam os valores conservadores judaico-cristãos, cujos custos e consequências seriam a destruição da ordem social e moral cristã. Dessa forma, a ideia da “*cristofobia*” é essencialmente formada pela discursiva que a apresenta o progressismo como uma ameaça ao cristianismo e aos cristãos.

O DataFolha fez uma pesquisa, em 2020, que aponta que 50% dos brasileiros se dizem católicos e 31% evangélicos, enquanto outras religiões compõem cerca de 7% da população. Além disso, a pesquisa mostrou ainda que a porcentagem de mulheres dentro do catolicismo e do evangelismo é 51% e 58%, respectivamente³⁴. Esses são dados relevantes para entender que as mulheres se encontram na linha de frente das religiões cristãs, fato que explica o porquê de, hoje, elas serem a audiência mais procurada para a mobilização do ativismo conservador contra, por exemplo, a “*ideologia de gênero*” (MACHADO, p. 84, 2020). Esses dados mostram que Campagnolo tem a possibilidade de cativar uma grande parcela da sociedade brasileira como uma “*representante da cosmovisão cristã na política*”³⁵. Logo, a deputada explora de forma intensa a sua ligação com a fé cristã e os elementos inseridos na sua narrativa dentro da

³³ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “O professor @opropriolavodecarvalho já dizia que “conservadorismo significa fidelidade, constância e firmeza; não é coisa para homens de...”](#)

³⁴ Em: [50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha | Política | G1 \(globo.com\)](#)

³⁵ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Em Santa Catarina, o Paulo e o Augusto do canalhipocritas já avisaram: é 2022 para deputada estadual!”](#)

ideia “*exaltação da fé cristã*” são: maioria cristã; valores cristãos estão na base da sociedade; e definições restritas sobre o que é ser cristão.

Campagnolo usa do apelo à maioria cristã como forma de reafirmar uma perspectiva moral que serviu e serviria como base para a regulação da vida social de toda a população (VAGGIONE, MACHADO, BIROLI, p. 13, 2020). Assim, durante sua campanha usou da narrativa da *maioria cristã* para reafirmar a necessidade da manutenção dos valores cristãos, que estão na base da sociedade brasileira. Além disso, Campagnolo afirma que quem é cristão não pode defender a descriminalização do aborto, apresentando, com isso, uma definição restrita do que é ser cristão e argumentando que, por serem maioria, Bolsonaro, apresentado por ela como o único candidato *pró-vida* e *antiaborto*, deveria ganhar no primeiro turno no pleito de 2022 (@bolsonarosp – agosto 23, 2022).

A ideia força “*família tradicional*” engloba dois elementos norteadores: a *ideologia de gênero* e o *antiaborto*. Primeiro, Campagnolo usa como definição de “*família tradicional*” a “*família monogâmica, cristã e natural*” que, para ela, é o “*modelo mais excelente e o mais saudável modelo de família*”³⁶. Entende-se pelo uso da palavra “*natural*” a concepção heteronormativa cisgênero de casais compostos por homem e mulher. A defesa por esse modelo familiar foi uma grande marca das pautas e da campanha da deputada, que define a “*família*” como a “*base de tudo*”, usando da imagem de sua própria filha em algumas de suas publicações de campanha, permitindo, assim, uma aproximação da sua vida pessoal com seu eleitorado, ao mesmo tempo em que comprova a sua aderência à “*família tradicional*”.

A gramática político-moral da noção de “*ideologia de gênero*” caracterizou-se, primeiramente, como uma contraofensiva católica, de combate à perspectiva de “*gênero*”, configurando-se numa batalha de desarticulação, desconfiguração e reprovação das ideias e mensagens feministas (MISKOLCI, CAMPANA, p. 2 – 3, 2017). Logo, o termo tornou-se um dispositivo político estratégico nos discursos dos segmentos cristãos para promover a racionalidade conservadora (MACHADO, p. 87, 2020), sendo capaz de unificar grupos

³⁶ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Faltam apenas 5 dias para votar \[2022\] em Santa Catarina! Você já apresentou a nossa candidatura para todos os seus conhecidos no...”](#)

conservadores heterogêneos sob um mesmo movimento *antigênero*, dando ainda mais força à contraofensiva. Apesar de não ter utilizado o termo diretamente em sua campanha de 2022, Campagnolo contribui, junto aos seus colegas da extrema direita, à fabulação da ameaça que a chamada “*ideologia de gênero*” representa para as crianças e famílias. Trata-se, então, da consolidação do *pânico moral*, através da narrativa de infâncias sob ameaça, que é capaz de mobilizar politicamente as emoções e que reflete a reação negativa às políticas de reconhecimento das diferenças de gênero, assim como a crescente visibilidade das questões sobre diversidade sexual (BALIEIRO, p. 3, 2018).

Usando-se da tática de *transformação interpretativa* para esconder posicionamentos de fundo preconceituoso, que, quando explícitos sem polimento, poderiam desagradar; o ambiente de *pânico moral* coloca como central no debate público contra questões de gênero somente a “*defesa das crianças*” (BALIEIRO, p. 4, 2018). Assim, aderindo à manipulação interpretativa, os políticos de extrema direita ou *agentes do pânico moral* isentam-se de se apresentarem diretamente contrários à igualdade de direitos, colocando-se, ao invés, como verdadeiros defensores das crianças e das família e rotulando os seus adversários, os progressistas, como inimigos com intenções ocultas que ameaçam a infância e os valores basilares da sociedade (BALIEIRO, p. 4, 2018). Em 2011, Bolsonaro resume a estratégia de *transformação interpretativa*, em uma entrevista à TV Câmara, proclamando a seguinte frase: “*Se defender a família, defender a religião, defender a ética, defender quem tem vergonha na cara é ser homofóbico, pode continuar me acusando de homofóbico, não tem problema nenhum*”³⁷.

A deputada Campagnolo, afirma que o “*próprio fato de dizer que existe uma identidade de gênero ou manifestação de gênero é a “ideologia de gênero” em si*” alegando, ainda, que a teoria de gênero “*não é ciência*”³⁸ é, em verdade, “*uma perigosa ferramenta para a subversão das identidades*” (CAMPAGNOLO, p. 131, 2019) a qual começaria nas formas de comunicação. Seguindo essa lógica, a deputada apresentou, em 2020, projeto de lei contra o uso da *linguagem neutra* (prática que busca transformar a comunicação mais inclusiva para as

³⁷ Em: : [\(2\) Jair Bolsonaro - Entrevista \(PP - RJ\) - Juventude socialista contra Bolsonaro - YouTube](#)

³⁸ Em: [Ideologia de gênero contra a biologia | Dep. Ana Campagnolo - YouTube](#)

peças de todas as identidades de gênero) dentro das repartições públicas do Estado de Santa Catarina. Motivada pela denúncia de uma aluna de 15 anos que presenciou o uso de pronomes neutros em sua escola, Campagnolo apresentou o projeto justificando que o uso de neutralidade teria a intenção de “*anular as diferenças de pronomes de tratamento masculinos e femininos baseando-se em infinitas possibilidades de gêneros não existentes*” (CAMPAGNOLO apud INAE, p. 80). Em sua campanha eleitoral, Campagnolo apresentou a aprovação dessa lei como uma vitória de seu mandato, caracterizando o “*pronome neutro*” de “*aberração linguística*”³⁹. É evidente, então, que a deputada reforça a naturalização de padrões sociais binário de gênero, homem e mulher, rotulando os demais como “*inexistentes*”, contribuindo, assim, para a contínua marginalização das demais identidades de gêneros no nosso país.

O último elemento referente à ideia “*família tradicional*” é o tema do aborto, o qual também se interliga à ideia do “*antifeminismo*”. Campagnolo adere aos “*argumentos “pró-vida”*” que “*destacam, sobretudo, o valor da vida do feto de uma perspectiva religiosa*” (BIROLI, p. 125, 2014), que começaria a valer desde o momento da concepção. Resgatando o elemento “*restrições do que é ser cristão*”, Campagnolo interliga-o com a questão do aborto ao afirmar que “*cristão não vota em abortista nem em feminista*”⁴⁰. A narrativa da deputada, envolve tanto concepções conservadoras familistas, já que, para ela, “*o papel essencial da mulher é ser mãe*”, quanto concepções sexistas, responsáveis por atribuir um significado “divino” ao corpo da mulher. Ambas justificam a falta de direito das mulheres de decidirem sobre seus próprios corpos (BIROLI, p. 126, 2014). Resumindo, Campagnolo defende que “*o aborto (...) faz parte de uma agenda que inclui a instituição da promiscuidade e o fim da família*” (CAMPAGNOLO, p. 155, 2019), culpabilizando o movimento feminista pela propagação dos movimentos *pró-escolha*.

Escritora de três livros antifeministas, cursos online antifeministas e reprodução de conteúdo antifeministas, Campagnolo, quando se encontra fora do período de campanha, dedica a maior parte do seu tempo a esse tema. A

³⁹ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Não basta ser um bom deputado apenas nas redes sociais, opinando e engajando a população nas causas certas. É preciso agir! Em nosso...”](#)

⁴⁰ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “⚠️ ATENÇÃO! ESSE ASSUNTO É MUITO SÉRIO! Após lançar a narrativa midiática que resultou no assassinato intrauterino de um bebê viável no...”](#)

deputada acusa o feminismo de ser anticristão, antifamília, abortista e marxista e de ter como principal objetivo a *revolução sexual*, ou seja, o estabelecimento de um novo padrão moral artificial e hiper sexualizado, resultando, assim, na “*perversão e subversão de nossos valores*”⁴¹. Segundo as análises, os elementos norteadores dessa ideia são: desprezo pela feminilidade; manipulação política/mentiras; e promiscuidade.

“o feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a desagregação familiar, induz à eterna insatisfação e libertinagem sexuais, valendo-se, para isso, de discursos sofistas, pesquisas fajutas e manchetes tendenciosas, geralmente, às custas do dinheiro de contribuintes alheios ou contrários a tais objetivos.” (CAMPAGNOLO, p. 375, 2019)

A sua oposição ao feminismo é moralista e adere ao principal argumento de que o movimento exige a “*aderência à revolução sexual*” através de “*renúncia moral*” e que “*toda (...) conversa sobre direitos das mulheres*” não passa de “*maquiagem*” (CAMPAGNOLO, p. 25, 2019). Ou seja, o objetivo do feminismo seria guiado por uma “*agenda libertina*” e promíscua e oculta, que busca tornar a sexualidade “*irresponsável*” e “*irreligiosa*” (CAMPAGNOLO, p. 161 – 162, 2019). A sequência de argumentos da deputada sobre essa temática comprova a teoria de Wendy Brown, publicada em 2006⁴², a qual relaciona o momento político de fortalecimento do conservadorismo com a disseminação de uma racionalidade política baseada em uma forte regulação da moralidade sexual (VAGGIONE, MACHADO, BIROLI, p.25, 2020).

A deputada defende, ainda, que “*nenhuma mulher precisa aprender sobre feminilidade*” basta “*conhecer a nós mesmas*” (CAMPAGNOLO, p. 376, 2019) e afirma que a ideologia feminista se sustenta em cima do “*ressentimento*” e “*desprezo*” pela “*condição feminina*”, propagando, então, uma “*revolta artificial*”

⁴¹ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Faltam 7 dias para votar 22822 em Santa Catarina! Eu quero convidar você a revisitar os pronunciamentos mais marcantes que...”](#)

⁴² BROWN, Wendy. **American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization**. (December, 2006) Em: [American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization on JSTOR](#)

contra a própria essência” das mulheres⁴³. Torna-se claro que em sua narrativa discursiva contra o feminismo, Campagnolo reproduz a internalização da gramática de dominação, ou seja, a internalização dos padrões convencionais de gênero que moldam a “*feminilidade*” a partir de características de agradabilidade, subserviência, passividade e silêncio (BIROLI, p. 119, 2014).

Como forma de convencer o público de que fala a verdade, Campagnolo acusa o feminismo de propagar mentiras e fazer “*manipulação política*”. Assim, a narrativa da deputada volta a usar a estratégia de conspiração do *mito do complô* ao dizer que as feministas ocultam o real objetivo do movimento por meio de mentiras a fim de manipular o público em direção a uma agenda que ameaça o contexto político, social e moral da sociedade (COLOMBO, 2021). O uso recorrente de tal narrativa mostra uma aderência da deputada em mobilizar emoções negativas, como o medo e a raiva, em uma prática política alinhada ao conservadorismo cristão antifeminista. Observa-se, assim, a *psicopolítica* na prática, ou seja, a prática comum ao neoliberalismo de exploração dos processos psíquicos e mentais para atingir objetivos políticos (HAN, 2018).

Para finalizar a análise do campo semântico *conservadorismo cristão*, a ideia do armamentismo apresentado pela deputada Campagnolo recai sobre os elementos discursivos relacionados à liberdade e o direito à *legítima defesa* ou *autodefesa* e a associação do porte de armas à redução do número de violências no país⁴⁴. Os elementos que se desdobram dessa ideia-força são: defesa e segurança. Percebe-se uma reviravolta no uso de emoções negativas para emoções positivas e, ainda, uma diferenciação de Campagnolo em relação a outros políticos de extrema direita, pois a mesma não usa do superdimensionamento da criminalidade e da violência (MESSENBURG, p. 18, 2017) como forma de justificar o armamento. Assim, o seu foco narrativo é a defesa do porte legal das armas sob a perspectiva de que os resultados trazem não só a possibilidade da defesa pessoal, mas, também, uma redução da criminalidade e uma melhora na segurança pública, em geral.

⁴³ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “A ideologia feminista se sustenta no ressentimento e no desprezo de suas teóricas pela condição feminina. Aderindo inconscientemente à...”](#)

⁴⁴ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Você sabia que com @jairmessiasbolsonaro o Brasil registrou O MENOR ÍNDICE DE HOMICÍDIOS EM 26 ANOS? Repare se não é curioso: o número de...”](#)

No campo semântico “*Antiesquerdismo*”, evidencia-se a narrativa discursiva de escolha da esquerda como “*bode expiatório*” ou “alvo preferencial” o qual o seu público deve direcionar suas emoções negativas. Seguindo o seu professor Olavo de Carvalho, Campagnolo culpabiliza a esquerda por todos os males sociais e individuais. Nessa ideiação persecutória insere-se o *antiacademicismo*, que compreende as instituições de ensino público como propagandistas da *hegemonia cultural esquerdista*.

“Durante meu primeiro semestre do curso, eu me escondia num canto toda vez que meus amigos faziam chacota das minhas convicções – que, a bem da verdade, ainda não estavam tão claras. (...) Eu sabia que alguma coisa estranha estava acontecendo comigo, estudante em uma cidade no interior do sul do Brasil, mas não imaginava que alguma coisa realmente grande estava acontecendo no mundo todo desde 1960. Durante os quatro anos do curso de história, vi todos os meus colegas serem conformados ao esquema “esquerdista e feminista”.”
(CAMPAGNOLO, 2019, p. 23 e 24)

A citação acima, retirada do livro *Feminismo: perversão e subversão* de autoria da deputada Campagnolo, obra que ela clama ser “*talvez a primeira publicação brasileira com pretensões tão diretamente contrárias ao feminismo*” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 33), mostra como a deputada usa o relato pessoal para incitar a ideia do *antiacademicismo*. Dentro dessa ideia, a narrativa construída é de que o mundo acadêmico, escolas e universidades públicas está corrompido pela *hegemonia esquerdista* e é, então, um ambiente de doutrinação ideológica.

O programa *Escola Sem Partido*, o qual Campagnolo defende, não possui uma definição concreta sobre o que caracterizaria as chamadas doutrinações ideológicas em salas de aula (FRIGOTTO, p. 38, 2018), assim o programa defende que o ato de educar é de responsabilidade da família e da religião, enquanto o professor deve se manter limitado a instruir de forma neutra, sem mobilizar valores ou discutir a realidade dos alunos (FRIGOTTO, p. 37, 2018). Ambas as informações permitem concluir que os defensores do programa

estariam atrás de quaisquer “casos de doutrinação”, independente do lado político. Porém, a preferência da deputada de, durante sua campanha, divulgar apenas casos de doutrinação que se inserem no que ela chama de “*campanha compulsória em favor da ideologia esquerdista*”⁴⁵ nos mostram a unilateralidade da “luta” do programa. Ainda, como forma de evitar a doutrinação que ocorre nas instituições de ensino, Campagnolo defende e estimula o *Homeschooling*, ou seja, o ensino feito dentro de casa pelas famílias.

Na ideia força do *anticomunismo* a teoria da conspiração sobre o *Foro de São Paulo* tem destaque principal e é acompanhada de mais um elemento discursivo, o da *droga como forma de manipulação*. Campagnolo ensina a sua audiência, que o Foro de São Paulo é “*uma organização internacional de domínio esquerdista na América Latina vinculada ao narcotráfico*” e diz, em vídeo feito durante a campanha para o segundo turno em 2022, que “*a escolha não é entre dois candidatos democráticos. Você precisa optar entre a liberdade e a servidão. É o bem contra o mal (...). Vote 22. Pelo bem do Brasil*”⁴⁶. Logo, ambos os elementos estão interligados, pois a teoria conspiratória da deputada afirma que os comunistas instigam a “*cultura da drogadição no Ocidente para desfibrar o tecido social de nossas nações (...) com o intuito*” de tornar o povo “*presa fácil ao seu domínio*”⁴⁷. Aqui, novamente está nítida a influência das ideias de Carvalho que afirmava que o ideário marxista busca tornar a sociedade socialista sem que percebamos. Assim, Campagnolo alia à expansão das drogas ao comunismo, acusando-o de promover o narcotráfico para que consigam dominar a sociedade.

A última ideia desse campo semântico, o *antipetismo*, carrega em si dois elementos discursivos: Lula ladrão; e Lula abortista. Durante sua live com Eduardo Bolsonaro, Campagnolo diz: “*a diferença do aborto, se nós tivéssemos que ignorar todos os escândalos de corrupção (...) só pelo fato do presidente Bolsonaro ser declaradamente pró-vida e o Lula declaradamente pró-aborto, o Bolsonaro já tinha que ganhar a eleição com mais de 60%*”. O petismo e,

⁴⁵ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Poucas horas após eu ter sido eleita em 2018, uma ação judicial acatada pelo Ministério Público foi amplamente divulgada pela imprensa. O...”](#)

⁴⁶ Em: [O QUE É O FORO DE SÃO PAULO? - YouTube](#)

⁴⁷ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Você já se perguntou o que motiva tantas figuras públicas influentes a aderir ao lobby pela legalização de dr0g4s? No livro “C0C4ÍN4...”](#)

inevitavelmente, o Presidente Lula foram os grandes “*bodes expiatórios*” mobilizados desde as manifestações de 2015, sendo apontados, então, como os responsáveis por todas as mazelas que atingiram o país seja no âmbito social, político ou econômico (MESSEBERG, p. 14, 2017). Soma-se a isso a mobilização da teoria de ameaças iminentes, como a volta da corrupção petista ou a legalização do aborto. As pessoas tornam-se, assim, audiência cativa para os discursos extremistas, que ao lhes oferecer uma resposta fácil para suas ansiedades, dando-lhes um alvo a quem culpabilizar, entregam a esse público recompensas psicológicas imediatas (NUNES, p. 50, 2022).

A deputada, como o restante dos políticos de extrema direita, defende também incisivamente os “*princípios neoliberais*”. Apesar de não ser uma bandeira primordial em seu discurso político, esse campo semântico está presente em suas emissões discursivas. Campagnolo, durante sua campanha de 2022, afirmou ser “*parceira da livre iniciativa*” e defender “*a propriedade privada na cidade e no campo*”. As principais ideias-forças inseridas nesse campo são: Estado mínimo; livre iniciativa; e empreendedorismo. A ideia do “*Estado mínimo*” é guiada pela defesa neoliberal de redução do Estado, embasada pela noção de que as liberdades individuais são garantidas pelo mercado e pela moral, consideradas instituições orgânicas (GUIMARÃES, p. 4, 2022). Seguindo dessa lógica, o principal elemento discursivo presente nessa primeira ideia é o: autoritarismo estatal. Campagnolo aplica a seus discursos a luta contra o “*autoritarismo estatal*” ou contra as “*ameaças autoritárias*”, os quais usa exemplos concretos para os seus argumentos relacionados ao *anti-lockdown* ou “*política do “fecha tudo”*” usados por ela durante os piores momentos da pandemia de COVID.⁴⁸

Ligada à ideia da “*livre iniciativa*” encontram-se os elementos discursivos: agronegócio e redução de impostos. De acordo com a deputada, “*a agricultura é responsável por mais de 30% do PIB*”, sendo assim, Campagnolo direciona a maior parte das ideias norteadoras desse campo ao trabalhador do campo, afirmando ser “*uma firme aliada, sempre defendendo os interesses de quem*

⁴⁸ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Sempre tive posicionamentos muito claros: sou parceira da livre iniciativa e defendo a propriedade privada na cidade e no campo. Tendo...”](#)

*trabalha de sol a sol para garantir a segurança alimentar de nossa nação*⁴⁹. A deputada, então, relembra ao público, que enfrentou o boicote fiscal que o Estado pretendia aplicar contra os defensivos agrícolas, medida que gerariam resultados “*catastróficos*” para a produção agrícola do Estado. Assim, a narrativa da deputada se mantém alinhada ao ideal neoliberal que defende o enxugamento estatal, enxergando os impostos como uma apropriação indébita do Estado (SAFATLE, p. 261,).

⁴⁹ Em: [Ana Caroline Campagnolo no Instagram: “Aqui em Santa Catarina, a agricultora é responsável por mais de 30% do PIB, constituindo a maior força produtiva do Estado! Ao longo do...”](#)

Considerações finais

O pensamento neoliberal forjou a falsa promessa de que os esforços pessoais são o suficiente para ascender economicamente, retirando qualquer responsabilidade do padrão injusto que molda o sistema econômico. Assim, o sistema capitalista, responsável por dificultar e impedir ascensões econômicas, tornou-se isento de culpa. Quando o esforço individual não é capaz de dar ao indivíduo o que lhe é prometido, o *ressentimento* interno aparece. Os grupos de extrema direita, então, usam o *ressentimento* para formular seus discursos e apresentar para o povo um “*bode expiatório*” (medidas progressistas, feminismo, imigrantes, homossexuais, negros etc.) a qual culpar as suas emoções negativas e, assim, receber um *conforto psicológico imediato*.

O trabalho mostrou que o regime neoliberal foi responsável por estabelecer, em sociedades ao redor do mundo, um novo pensamento subjetivo e um novo indivíduo essencialmente emocional, permitindo, assim, a exploração da *psique* para uso político. Dessa forma, a extrema direita usa o *ressentimento* em sua estratégia discursiva, transformando-o em raiva e medo, para, então, transformar as emoções em mobilização política. A deputada Ana Caroline Campagnolo, apesar de se diferir de outros bolsonarista, como Nikolas Ferreira ou Eduardo Bolsonaro, por ter um discurso mais refinado e democrático, permanece alinhada e fiel ao movimento, as ideias de Olavo de Carvalho, a Jair Bolsonaro e as estratégias discursivas de conspiração comumente utilizadas por este grupo.

Tendo completado a análise proposta pelo trabalho, confirma-se que a deputada Campagnolo possui uma narrativa essencialmente conservadora moral-cristã, imbuída da retórica maniqueísta do *complô* e da *ameaça*, como mobilizadores de emoções em prol de sua agenda política neoliberal, antiesquerdista, antigênero e antifeminista. Associando-se ao movimento conservador global antigênero e antifeminista, a deputada molda a sua perspectiva e a sua narrativa conservadora cristã seguindo a agenda de regulação sexual moralista que busca fortalecer a ordem hierárquica de sexos e as concepções retrógradas, binárias e limitadoras sobre identidade de gênero e sexualidade.

Acredito que mais pesquisas devam ser feitas sobre as narrativas discursivas dos atores inseridos no conservadorismo moral, pois aprofundamentos são importantes para entender e expor os argumentos que cativam esse público cada vez maior. Ainda, acredito que pesquisas sobre políticos com significativo sucesso nas redes sociais, como a deputada Campagnolo, seja de extrema importância para se entender o cenário político hoje, pois a atuação online de tais atores está influenciando, cada vez mais, as escolhas políticas dos cidadãos. Trago como exemplo, o caso do deputado federal por Minas Gerais Nikolas Ferreira que, hoje, acumula 8 milhões de seguidores no Instagram e que, similar à Campagnolo, assegurou o título de deputado federal mais votado do estado de Minas Gerais, no pleito de 2022.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ANDRADE, Daniel Pereira. **Paixões, sentimentos morais e emoções: uma história do poder emocional sobre o homem econômico**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. São Paulo, 2011. DOI: 10.11606/T.8.2011.tde-14022012-170158

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **“Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico modal da crianças sob ameaça**. 11 junho 2018. Em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800530006>

BARBOSA, Inaê label. **Proibição da linguagem neutra em Santa Catarina: a construção do pânico moral da criança, da língua portuguesa e da pessoa com deficiência em ameaça**. Florianópolis: UFSC, 2023.

BIROLI, Flávia. MACHADO, Maria das Dores Campos. VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

BIROLI, Flávia. MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2014.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2º reimpressão. São Paulo: UNESP, 1994.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

COLOMBO, Renan. **Boatos conspiratórios nas eleições presidenciais de 2018: o mito do complô**. Em: [Mito político - CPOP \(ufpr.br\)](#).

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1º edição. Boitempo, 2016.

FASSIN, Éric. **Populismo e ressentimento em tempos neoliberais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

FILGUEIRAS, Luiz. **O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico**. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2006. Em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C05Filgueiras.pdf

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. 2º reimpressão. Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

GUIMARÃES, Géssica Góes. **Pela família e pela liberdade: aspectos da racionalidade neoliberal no debate sobre a ideologia de gênero**. Revista História Hoje, v. 11, nº 22, p. 101 – 105, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 7ª edição. Belo Horizonte/Veneza: Editora Âyiné, 2018.

HARVEY, David. **O neoliberalismo – histórias e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HIRSCHMAN, Alberto. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA., 1992.

JUNIOR, José Carlos Martines Belieiro. **Economia e política da transição democrática no Brasil: uma análise dos governos FHC, Lula e Dilma**. Revista NORUS – v. 4, n. 5, jan – jul 2016.

KLEIN, Naomi. **The Shock Doctrine**. New York: Metropolitan Books, 2008.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

LOWY, Michael. **Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro**. Revista: A Terra é Redonda, 24.1019. Em: [Microsoft Word - 19.10-Neofascismo e Bolsonaro \(bresserpereira.org.br\)](https://www.bresserpereira.org.br/2019/10/24/microsoft-word-19-10-neofascismo-e-bolsonaro/)

MARTINS, Carlos Eduardo. **Neoliberalismo e desenvolvimento na América Latina**. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005.

MESSEMBERG, Débora. **A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros**. Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3, setembro/dezembro 2017.

MISKOLCI, Richard. CAMPANA, Maximiliano. **“Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo**. Setembro – dezembro, 2017. Em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. 1ª edição. Ubu Editora, 2022.

ROCHA, Camila. SOLANO, Esther. MEDEIROS, Jonas. **The Bolsonaro Paradox**. Switzerland: Springer, 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: ENAP, 2021.

SAFATLE, Vladimir. JUNIOR, Nelson da Silva. DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1ª edição. Autêntica, 2021.

DA SILVA, Mayra Goulart. RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. **O populismo de Direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no Governo Bolsonaro**. Mediações – Revista de Ciências Sociais, 2021. DOI: 10.5433/2176-6665.2021v26n1p86

SPAREMBERGER, Cristian. LOBO, Iann Endo. DA SILVA, Igor Campos. **A nova direita e as guerras culturais: um estudo de caso da atuação de Ana Campagnolo no Facebook.** Florianópolis: UFSC, v. 18, n. 2, p. 196-213, setembro/dezembro 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2021.e78966>